

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

26º Reunião Brasileira de Antropologia

GT 14 – TEMAS ATUAIS RELACIONADOS À QUESTÃO DE GÊNERO ENTRE OS POVOS INDÍGENAS

Incorporando o “componente mulher:” o associativismo da mulher Terena

Graziella Reis de Sant’Ana
Doutoranda do PPGCS/UNICAMP

Porto Seguro, junho/2008

Incorporando o “componente mulher:” o associativismo da mulher Terena

Graziella Reis de Sant'Ana
Doutoranda do PPGCS/UNICAMP

RESUMO: A participação do “componente mulher”, como costumam dizer os homens Terena que atuam no campo das associações indígenas (sob a forma de OSCIPs), tem sido uma exigência crescente, tanto para a aprovação de projetos sócio-econômicos financiados por ONGs e Estado, quanto nos fóruns de debates e movimentos indígenas nacionais e internacionais. Essa presença agora física e constante da mulher Terena, em espaços antes majoritariamente masculinos, tem sido fator de múltiplas reformulações nos discursos e papéis sociais, como também fonte de conflitos entre homens e mulheres. As mulheres Terena, em conjunto com outros movimentos femininos e partidários, têm tomado a frente em diversas ações/transformações nos mais diferentes espaços (geográficos, políticos, culturais e sociais), principalmente pela via do associativismo étnico. Para a presente comunicação, buscarei ressaltar (a partir da pesquisa que venho desenvolvendo no doutorado) o atual campo político do associativismo em que se encontram muitas mulheres Terena, através de uma etnografia que aponte tanto para as iniciativas étnico-políticas femininas, quanto a ligação dessas com as relações histórico-culturais do universo Terena, articulando com os debates atuais sobre a questão do gênero na Antropologia

APRESENTAÇÃO

Na comunidade tenho visto que as mulheres têm se articulado muito bem, em algumas situações. Daí os homens se colocam frente a elas para dar a impressão de que foram eles que fizeram, mas por trás estão elas, como formiguinhas que aos poucos articulam tudo. (depoimento de uma mulher indígena no I encontro Estadual de Mulheres indígenas de Mato Grosso do Sul, 2001).

É significativo o número¹ de associações e organizações (legalizadas ou não) de mulheres Terena existentes hoje no Mato Grosso do Sul, atuando em diferentes campos como os da assistência à saúde, da educação e do desenvolvimento econômico. Algumas delas existem somente no “papel”, ou seja, não desempenham atividades contínuas ou ativas dentro das aldeias ou cidades; outras desenvolvem suas atividades através de projetos, que contam, quase sempre, com a colaboração e financiamento de ONGs, Igrejas ou Estado.

A presença das mulheres indígenas no campo do associativismo étnico vem crescendo a cada ano, principalmente no cenário amazônico, onde, de uma forma geral, encontramos a maior concentração das Associações Indígenas no Brasil. Sacchi (2003) ressaltava que mesmo sendo recente (anos 90) a participação das mulheres em associações na Amazônia, elas, há muito, participam dos movimentos indígenas em diversas instâncias, trazendo, também, outras agendas e outras demandas para os debates.

As demandas reivindicadas pelas mulheres indígenas demonstraram que elas têm unido suas vozes ao movimento indígena nacional, por um lado, mas também desenvolvendo um discurso e uma prática política a partir de uma perspectiva de gênero. Explicitam igualmente um conjunto de restrições ao processo organizativo: as dificuldades em participar de processos de decisão e

¹ Algumas dessas Associações: Associação de Mulheres Indígenas Terena Urbana (AMINTU), Associação das Mulheres Indígenas de Água Branca, União das Mulheres Indígenas de Bananal, Núcleo de Produção de Cerâmica Terena (Associação de Artesãos Indígenas), entre outras associações.

dos encontros, que são advindas da resistência das próprias comunidades, das lideranças masculinas, do Estado e da sociedade não indígena, e também da falta de recursos, capacitação e experiência organizativa. (p.101).

No Mato Grosso do Sul também não é diferente, as mulheres indígenas vêm participando ativamente dos movimentos indígenas (local e nacional), principalmente aquelas que moram e/ou transitam com maior frequência nos espaços urbanos. Temos alguns exemplos importantes da participação ativa das mulheres indígenas no Mato Grosso do Sul: exemplos como a Associação Kaguataka, fundada nos primeiros anos da década de 80, que tinha na figura da indígena Marta Guarani a sua grande expoente; Enir Bezerra, uma indígena Terena com uma longa trajetória dentro dos movimentos indígenas e que foi umas das grandes articuladoras do movimento de ocupação e fundação da primeira “aldeia urbana” da capital; as indígenas Terena da Associação das Feirantes Indígenas de Campo Grande, importantes agentes nos debates sobre as questões indígenas no Estado. No âmbito das aldeias temos importantes associações que articulam demandas ligadas à educação e desenvolvimento local como: a Associação das Mulheres de Água Branca, a União das Mulheres de Bananal e as inúmeras associações de professores nas várias aldeias Terena que contam com a participação expressiva de professoras. Já na esfera de atuação/impacto nacional, temos a atuação da indígena Terena Miriam Marcos Tsibodowaprê, presidente do CONAMI – Conselho Nacional de Mulheres Indígenas – associação que articula, entre outros debates, a participação mais ativa e presente das mulheres no campo da política dos movimentos indígenas, em todos os seus campos: articulação, mobilização, decisão e construção de estratégias e projetos.

O surgimento/crescimento de associações indígenas (registradas sob a forma de OSCIPs – Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público) é um processo que vem ocorrendo em todo o país desde o final da década de 80 (após a promulgação da Constituição Federal de 1988, que abriu as possibilidades dos indígenas se constituírem enquanto pessoa jurídica). Além das mudanças constitucionais, outros fatores contribuíram para o desenvolvimento das associações, como a participação de lideranças indígenas no Congresso Nacional, o crescimento dos debates com a sociedade civil sobre as questões indígenas, o fortalecimento dos movimentos indígenas com o apoio de organizações internacionais, e a globalização das questões relativas ao meio ambiente e direito das minorias. No tocante ao crescimento de associações indígenas femininas, podemos apontar como alguns fatores a articulação das indígenas com os movimentos feministas e ou/partidários e a crescente exigência das instituições internacionais e nacionais – financiadoras de projetos – para que as mulheres estejam presentes, motivando assim tanto a participação das mulheres em reuniões, eventos e momentos de decisão, quanto na fundação de associações, espaços antes majoritariamente masculinos.

Mas, as associações indígenas no Brasil, apesar de terem um substrato histórico em comum, têm, por outro lado, múltiplas formas de atuação, formas essas dadas pela história de cada sociedade, como, também, pelas diferentes maneiras – dadas pelas especificidades culturais de cada grupo – de gerir e produzir as novas etno-políticas no campo dos movimentos indígenas. Portanto, falar sobre associações indígenas implica em discorrer sobre múltiplos e importantes aspectos, como: as incorporações e traduções nativas dos novos elementos que passam a fazer parte do cotidiano das famílias; os diálogos/embates e o reposicionamento do Estado diante da nova política colocada pelas associações; os caminhos trilhados com os novos atores (ONGs) que vêm participar do campo das decisões e projetos junto com os atores indígenas; os conflitos advindos das novas incorporações, com as transformações e criações de novos símbolos e relações advindas do processo do associativismo; enfim, e no caso específico das mulheres indígenas Terena, é necessário observar de que forma elas dinamizam, direcionam, “pacificam” e organizam simbolicamente essas novas instituições, é preciso compreender as diferentes formas de ser e estar mulher Terena dentro desses processos, que conectam pessoas, políticas, discursos étnicos, ressignificações, cosmologias e sociabilidades.

AS TERENA

Durante os meus primeiros anos de pesquisa entre os Terena, sempre me chamou a atenção o fato das mulheres serem tão pouco estudadas na literatura antropológica disponível. De uma forma geral, é claro, existem poucos trabalhos de expressão sobre essa etnia, sendo apenas em períodos recentes produzidas algumas importantes dissertações e teses.

Contudo, ainda não é possível encontrar muitas referências aprofundadas sobre as mulheres Terena, com exceção apenas de duas dissertações de mestrado defendidas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo². As resumidas descrições que farei aqui nesse paper, são frutos de fragmentos recolhidos nos trabalhos pesquisados e das minhas observações no campo.

Adentrar o espaço das mulheres Terena é sempre um grande desafio para o antropólogo. Dificilmente elas se abrem às pesquisas, deixando para os homens o papel de interlocutores com aqueles que querem conhecer um pouco sobre os seus costumes. A observação e a construção de amizades é o passaporte para o acesso a esse universo que se mostra, à primeira vista, mais fechado aos outros. Passado a primeira impressão, pode-se observar que as mulheres não estão retidas apenas na esfera do interior (os cuidados com os assuntos internos da sua família e/ou aldeia), pelo contrário, as Terena são uma das grandes responsáveis pelo

² Souza, S.C. Mulheres Terena: História e cotidiano. São Paulo: PUC, 2000. 87p (Dissertação de Mestrado); e Galan, M.C.S. As Terena. São Paulo: PUC, 1994. 148p (Dissertação de Mestrado).

Expansionismo e pelas relações exteriores.

Schmidt (s/d), Ladeira (2001) e Azanha (2001) destacam que uma das características fundamentais dos povos do tronco lingüístico Aruak, como são os Terena, é o Expansionismo, aqui entendido como uma forma de difundir as influências, os costumes, adquirir bens, incorporar novos símbolos, pessoas, mercadorias e fazer alianças. As mulheres Terena têm colaborado com esse movimento através: do matrimônio com outras etnias e com os *purutuye* (brancos), das idas e/ou mudanças constantes para outros territórios e do recente ingresso nos movimentos sociais e indígenas.

No tocante a questão do casamento – uma das vias possíveis de Expansionismo – é importante salientar que a descendência é patrilinear, portanto, os filhos das mulheres “expansionistas” não poderiam ser considerados Terena, como, também, segundo depoimentos, essas mulheres não poderiam residir nas suas aldeias de origem, o que faz sentido dentro da lógica da expansão, visto que os objetivos almejados são a ampliação dos territórios e a circulação de bens e pessoas, ou seja, que essas mulheres residam em outras localidades, levando influências e trazendo novos elementos.

No entanto, essa regra não é rígida, tendo uma abertura para o convívio dos filhos dessas uniões. Pude observar filhos de pais não Terena visitando seus avós, participando dos rituais que ocorrem em determinadas épocas e até mesmo morando definitivamente na aldeia, o que não exclui os conflitos, visto que os Terena – em momentos de conflitos – costumam fazer diferenciações entre aqueles considerados “autênticos” e os considerados “misturados”³.

De qualquer forma, a mulher Terena expansionista acaba por criar outros espaços para as ações de seus parentes e afins (principalmente quando se casa com um *purutuye* e vai morar na cidade), proporcionando o acesso a outros bens e serviços, que passam a fazer parte das trocas e das relações políticas dentro e fora das aldeias. Lembrando que a mulher que casa e sai da aldeia, ou mesmo a mulher que vai morar fora para trabalhar ou estudar, retorna sempre que pode a sua aldeia de origem, seja no período das festas tradicionais, seja no período de suas férias do trabalho ou escolares, ou em retorno mais definitivo, compondo assim uma grande rede de fluxos, de idas e vindas.

O Expansionismo da mulher Terena proporciona uma abertura para a Alteridade, uma busca constante pelos recursos e relações proporcionadas pelos encontros/predações com os “Outros”. No entanto, esses encontros representam, também, momentos de riscos, não se

³ Os Terena considerados “misturados” buscam de alguma forma o reconhecimento e o respeito dentro da aldeia, desenvolvendo, por exemplo, trabalhos em prol da comunidade, como a busca por auxílios financeiros, entre outros, ganhando assim espaço e legitimidade entre os membros do grupo.

consome as alteridades infinitamente e sem que isso acarrete transformações⁴. Nos fluxos migratórios, por exemplo, as pessoas não “vão” ou “voltam” da mesma maneira; sempre há que se negociar alguns símbolos e relações trazidas dessas viagens, desses encontros.

A questão de como lidar com o novo (conhecimentos, mercadorias, lugares, etc.) e com o “modo de vida dos antigos”, é tema freqüente nas falas das lideranças⁵ Terena, representando ações que vão desde as inúmeras reuniões entre os membros do Conselho Tribal (instância decisória nas aldeias Terena, que reúne anciões e lideranças indicadas pelo cacique), à formulação de projetos de “revitalização da cultura”; esses pontos são importantes, pois incidem sob a forma específica pela qual as Terena direcionam suas associações.

Dentro das aldeias, as mulheres desempenham também as tarefas e as decisões consideradas do âmbito doméstico (família nuclear) cabendo aos homens as decisões mais gerais da aldeia – decisões essas tomadas em reuniões com o cacique e os membros do Conselho Tribal.

Raramente as mulheres participam das reuniões políticas/decisórias nas aldeias. Segundo depoimentos colhidos no campo, os homens consideram que as decisões políticas e econômicas são competências exclusivamente masculinas, justificam tal postura dizendo: “o certo é a mulher ficar cuidando da casa, dos filhos, esse negócio de mulher participar de política, de decisão importante, não pode. Não é assim entre os Terena, é como vocês chamam, o machismo”.

O fato da mulher não fazer parte do Conselho Tribal ou de não tomar as decisões gerais da aldeia, não significa uma postura de submissão, de não influência ou de não respeitabilidade por parte dos homens. Na esfera de sua influência, a parentela agnática (ienõchapá, “meus parentes”), a mulher direciona e congrega várias decisões, assim como o homem, tomando posições pertinentes a toda a sua parentela, agregada em geral a um casal idoso de referência e importância; essas decisões tomadas no âmbito da parentela agnática refletem nas decisões gerais da aldeia.

Por outro lado, a fala em público, a oratória, tão valorizada nos movimentos indígenas, parece ser mesmo um atributo masculino Terena, algo muito valorizado nas aldeias e cidades, mas, também, de igual valor, é o choro ou canto ritualizado das mulheres Terena. O choro é

⁴ Carlos Fausto, prefaciando o livro de Gordon (2006: 29), atenta para o fato de que devemos pensar as atuais transformações indígenas, “a partir dos próprios modos indígenas de produzir a transformação”. E continua, “não queremos estudar apenas a invenção da tradição, pois nos interessa sobretudo a tradição indígena da invenção”.

⁵ A palavra “liderança” entre os Terena: *Naati*, *Nâtihiho*, representa tanto os caciques (eleitos nas aldeias de quatro em quatro anos) como aquelas pessoas de grande influência e prestígio – dados pelo histórico familiar, a herança mítica e/ou função religiosa (pastor ou xamã) – nas aldeias, nas comunidades indígenas nas cidades ou no âmbito dos Movimentos Indígenas.

proferido, em sua maior parte, por elas e em momentos especiais como nos funerais, nas chegadas de visitas distantes, nas festas, nos casamentos e em agradecimento a presentes recebidos das relações com os afins.

No choro de um funeral que pude acompanhar, as mulheres contam várias histórias sobre o morto e os motivos de seu falecimento, além de acusarem outras pessoas como possíveis responsáveis pela morte; esse choro é acompanhado de desmaios. Nos choros, ou cantos ritualizados de agradecimentos e casamentos, as Terena não apenas entoam canções improvisadas como, também, dançam e choram, perfazendo um momento de grande comoção e respeito entre aqueles que observam.

Lea (1994, p.112) também menciona que o “gênero de fala feminina Mebengokre correspondente à oratória masculina é o choro ritualizado”. Com isso, a autora procura demonstrar que as noções relativas à submissão/dominação não dão conta da complexidade e especificidade que envolve esses processos, visto que tanto o choro quanto os discursos são equivalentes em termos de conhecimentos e saberes:

A velha noção hierárquica estática, do tipo gangorra (dominação/subordinação), obscurece mais do que ilumina. O conceito de englobamento permite uma visão mais nuançada; ora a mulher engloba, por exemplo, quando o seu choro é ouvido pela aldeia inteira; ora é englobada, por exemplo, quando os homens tomam decisões relativas ao mundo dos brancos. Em termos de agency, espero ter mostrado que a mulher Mebengokre é muito mais do que aquele rosto tímido e submisso que contempla o forasteiro iniciante (Ibidem, p.113).

Em Campo Grande, as mulheres, em geral, participam das reuniões e eventos sobre a Temática Indígena, eventos promovidos pelo Governo municipal/estadual, pelas Universidades, pelas ONGs e outras associações indígenas. Nessas reuniões não é incomum ouvir os discursos das mulheres, discursos esses sempre pautados na importância da mulher e na necessidade dela estar mais presente nos momentos políticos/decisórios.

Na cidade, muitas mulheres Terena detêm o papel de chefes de família, visto que muitas estão separadas e/ou viúvas, o que tem refletido nas diferentes formas de ação/reflexão na cidade. Por exemplo, a própria perspectiva de patrilinearidade tem perdido força, agora que essas mulheres passaram a assumir o comando socioeconômico de seus lares, muitas dizem que o fato de terem casado com um *purutuye*, e agora estando separadas, em nada reflete na indianidade de seus filhos, visto que o “pai” de suas famílias são elas.

Enfim, pode-se resumir até aqui que “o modo de estar no mundo” (LASMAR, 2002, p.112) feminino vai além da complementaridade nas funções sociais entre homens e mulheres, ou em alguma cristalização de pólos de oposição, pois os papéis que ambos os sexos desempenham podem ser mesmo excludentes ou contraditórios, principalmente quando as mulheres são a ponte para o expansionismo, trazendo para as aldeias novos elementos,

rearranjos, ganhos, alianças e conflitos.

O ASSOCIATIVISMO DA MULHER TERENA

Durante a pesquisa de Mestrado (SANT'ANA, 2004) que desenvolvi entre os Terena sobre suas associações na cidade cheguei a algumas conclusões. Dado o contexto urbano, onde a questão da identidade étnica é posta à toda prova, as associações se tornaram os novos espaços para a afirmação étnica e a produção de diferenças. Além da produção/promoção da política de identidade, as associações têm buscado viabilizar alguns projetos nas áreas da educação (com propostas de ensino bilíngüe nas escolas, cursos específicos para indígenas nas Universidades, entre outros) e da geração de renda (com projetos de produção e venda de artesanatos, criação de cursos profissionalizantes, entre outros).

Observei, também, a forma específica como são incorporados ou traduzidos esses novos elementos, ou seja, constatei que muitas associações tomam o formato dos Conselhos existentes nas aldeias, como, também, procuram atender as demandas de suas parentelas agnáticas – processo esse que vêm acompanhado de muitos conflitos, visto que as agências financiadoras dos projetos costumam interpretar essa última prática como corrupção, na medida em que apenas alguns participam mais diretamente de alguns projetos; o que não significava que as outras famílias estejam excluídas dos “produtos” dos projetos, visto que os mesmos entram na lógica da trocas e relações.

Contudo, durante a pesquisa, não me detive sobre as possíveis diferenças entre as associações femininas e masculinas e sobre as diferenças entre as associações nas aldeias e nas cidades. Neste paper, apenas pontuarei algumas pequenas considerações sobre o associativismo das mulheres Terena no espaço urbano de Campo Grande.⁶

- A reorganização no espaço urbano e a formações das associações

Para avaliar o associativismo na cidade é necessário compreender primeiro o que significa a migração e a instalação para o Terena no meio urbano. Ou seja, o Terena migrante rompe limites, passa a vivenciar em um novo contexto composto por diferentes fluxos culturais e diversas informações (HANNERZ, 1997).

No início das migrações para os centros urbanos os Terena procuravam constituir linhas de relações (com familiares ou não) que possibilitassem novas articulações, interpretações e adaptações em um novo espaço. Todo esse processo dinâmico de articulação dos grupos na

⁶ Um aprofundamento da temática do Associativismo, suas diferenças ligadas ao gênero feminino e masculino e as conexões com os fluxos migratórios estou realizando na versão final da tese de doutorado

tradução cosmológica da realidade e de compreensão e abertura ao “Outro” (LEVI-STRAUSS, 1993), veio acompanhado, também, de fortes pressões assimilacionistas e discriminatórias, levando grande parte dos Terena a negação de uma ancestralidade indígena quando essa identificação pudesse lhes trazer prejuízos⁷.

O processo de escamoteamento étnico enfrentado pelas famílias Terena dificultou a manifestação de elementos culturais antes praticados no contexto da aldeia – esses elementos (sempre remetidos por eles a uma ancestralidade) são históricos, dinâmicos e relacionais, ou seja, não fazem parte de uma “essência” cultural Terena, ou um núcleo rígido e atemporal.

Com o crescimento dos movimentos indígenas e apoio de várias instituições, a situação começou a se modificar. Muitos Terena na cidade passaram a afirmar sua identidade, sua pertença étnica, através da manifestação e articulação de elementos culturais ressignificados e transformados no contexto urbano.

Atualmente, no cenário da política de identidade, os Terena criam suas próprias organizações e associações num contexto em que esses novos elementos – reinterpretados a partir de uma cosmologia e organização social próprias – atuam como instrumentos capazes de auxiliar na tradução e na ressignificação da realidade, como espaços onde os Terena reunidos se afirmam e se legitimam em um novo território, e, principalmente, atuam como pontes para a reflexão sobre as transformações das tradições, discussões antes preferencialmente debatidas nos espaços dos Conselhos nas aldeias.

As associações Terena existentes em Campo Grande desempenham diferentes papéis entre as famílias, no sentido de que buscam garantir não só a possibilidade de manifestação pública da diferença – a autodeterminação garantida pela Constituição –, mas, também, o acesso às melhores condições nas áreas da saúde, da educação e do trabalho. Mesmo os Terena que não estão filiados a qualquer associação ou aqueles que não compreendem a lógica burocrática dos projetos desenvolvidos por essas associações, de uma forma ou de outra, obtêm notícias dos trabalhos desenvolvidos por elas, principalmente quando as ações estão articuladas com a luta do movimento indígena local e/ou nacional (manifestações e reivindicações públicas, reuniões em audiências públicas, aparições em jornais, etc.). De uma forma geral, verificamos que os Terena na cidade reconhecem a importância das associações, pois vêm nelas novos espaços onde podem discutir as possibilidades e os rumos de suas demandas econômicas e culturais.

- O movimento indígena das mulheres Terena na cidade: a associação das feirantes e o

⁷ Algumas mulheres disseram ter recebido castigos de seus pais quando proferiam palavras no “idioma” na cidade.

bairro Marçal de Souza.**A Feira Indígena**

A feirinha indígena, como é conhecida, existe há muitos anos, localiza-se no centro da cidade de Campo Grande, ao lado do Mercado Municipal e divide-se em três quiosques (recentemente construídos pela prefeitura) de tijolos, cobertos e aberto nas laterais. O trabalho da feira é feito pelas mulheres, sendo que parte delas residem em aldeias do Estado, e em certos períodos viajam para a capital, permanecendo por até algumas semanas, vendendo produtos da pequena lavoura (pequi, palmito verde, etc.), do artesanato e da cerâmica Terena.

A feira indígena se configura como um ponto de referência e encontro para os Terena de Campo Grande, tanto os residentes na cidade, quanto os que estão só de passagem. Lá é possível buscar informações sobre associações indígenas existentes, como também sobre as famílias que residem em Campo Grande; as feirantes articulam e dinamizam uma extensa rede de contatos com parentes e afins na cidade.

A Associação das Feirantes Indígenas surgiu em 1988, em meio aos movimentos reivindicatórios que culminaram na Constituição de 88, também surgiu como resposta aos anseios das indígenas por melhorias em suas condições de trabalho. Foi no espaço da Feira Indígena que, pela primeira vez, os Terena realizaram o *Kohixoti-Kipahé* (Dança da Ema) na cidade, uma dança tradicional realizada nas aldeias no período das Plêiades. No espaço da feira indígena também ocorriam sessões xamanísticas da *Koixomunietí* (xamã) Benízia, conhecida como Vovó Dionízia, uma importante xamã, já falecida, que saiu da aldeia de Bananal, juntamente com outros xamãs (num período pós-entrada do protestantismo nas aldeias) e que muito atuava entre as mulheres e homens na cidade.

A primeira pessoa que conheci na Feirinha foi a Terena Elida, antiga presidente da feira e atual presidente da Associação dos Artesãos Indígenas, sua história de vida reflete as modificações vivenciadas por muitos Terena residentes na cidade. Ela saiu da aldeia ainda jovem, veio para a cidade, sofreu discriminações, dificuldades, mas conseguiu criar seus filhos, manter a sua família, como ela mesma enfatiza:

A minha saída da aldeia para a cidade se deu por motivos de saúde. Eu considero a cidade um lugar de oportunidades que a aldeia não tem, pois na cidade pode-se ganhar dinheiro e muitas outras coisas, os nossos filhos podem estudar e isso é muito importante. Eu saí da aldeia, mas eu não perdi o contato, sempre volto e procuro levar benefícios para lá, e mesmo na cidade ainda pratico a cultura, tem gente que fala que Terena na cidade não é mais índio, mas nós praticamos a cultura sim. (Elida, informação oral).

Elida veio da aldeia Cachoeirinha, umas das aldeias de maior fluxo migratório

aldeia/cidade, e é em conexão com a aldeia Cachoeirinha que Elida procura destacar a importância de se “manter a cultura”, ou seja, fazer a cerâmica – atividade dada às mulheres pelo herói mítico *Yurikoyuvakai*⁸ – falar o “idioma como os “antigos”, cuidar da parentela, enfim, para Elida ser e estar mulher Terena na cidade é saber consumir as alteridades sem que isso a desconecte de suas referências de origem (sociais, mitológicas e históricas).

As feirantes têm feito reivindicações em diversas frentes, desde a possibilidade de afirmação étnica à melhorias em termos de estrutura física da feira, como a construção de um alojamento para as mulheres que viajam e a ampliação das suas instalações. Para tanto, elas realizam mobilizações e participam de reivindicações dentro e fora do espaço da feira, ampliando assim o debate sobre as questões indígenas na cidade.

Os homens também estão presentes dentro do espaço da feira, sejam como maridos das feirantes, sejam como líderes de outras associações indígenas na capital. Aliás, o primeiro presidente da associação das feirantes foi o indígena Terena Eliseu Lili.

O fato dos homens estarem presentes no associativismo feminino não significa a exclusão dos conflitos, pude observar, por diversas vezes, discursos oscilantes: ora os homens falavam da importância da mulher e de que elas deveriam estar presentes em todas as reuniões políticas/reivindicatórias na cidade, visto que elas representam a geração de renda de muitas famílias nas aldeias e cidades; ora diziam (em conversas particulares) que a mulher não deveria participar de decisões políticas, pois isso só tende a desestruturar a família, “por isso que os jovens atualmente estão perdidos nas drogas, na pinga, tem separações e tudo o que não presta.”(informante Terena).

O certo é que a feirinha se tornou “a menina dos olhos” de muitas associações masculinas na cidade, pois ela representa tanto um ponto de distribuição de produtos – que vêm dando certo ao longo dos anos, sem rompimento ou conflitos grandes e significativos entre as mulheres associadas –, quanto representa um excelente canal de comunicação entre as famílias das aldeias e cidades.

O Bairro Marçal de Souza

Na madrugada do dia 9 de julho de 1995 cerca de 55 famílias de etnia Terena ocuparam um lote (na cidade de Campo Grande) pertencente a FUNAI, um fato inédito no país. Dessas famílias cerca de 38 já residiam em bairros de Campo Grande. Atualmente, moram mais de 100 famílias Terena no local.

A ocupação foi um movimento articulado, em sua maioria, por mulheres Terena que não

⁸ Personagem que depois se divide em dois, dando origem às metades Sukirikionó e Xumonó, o dualismo Terena.

tinham condições de pagar aluguel. As mulheres se reuniram por diversas vezes na feirinha indígena até a ação efetiva. Instituições como a Central de Movimentos Populares e o Centro de Direitos e Defesas Humanas colaboraram nesse processo.

Enir Bezerra (uma das lideranças do bairro) foi uma das peças-chave dentro desse processo. Por viver há muitos anos em Campo Grande, pertencer ao Partido dos Trabalhadores (PT) e já ter sido candidata a vereadora em 1992, conhecia a realidade indígena na cidade. As famílias, a partir dessa época, passaram a procurá-la buscando, entre outras coisas, apoio para a aquisição de moradias, na qual ela conseguiu sucesso na negociação de vários terrenos, assentando algumas famílias.

Através de seu envolvimento com a questão indígena e sua influência junto às autoridades locais, Enir colaborou e organizou, juntamente com outras mulheres Terena e suas famílias, o movimento de ocupação do lote Desbarrancado, atingindo o objetivo de assentar famílias e se tornar um ponto de referência para os índios em Campo Grande:

Eu acho que depois dessa ocupação a gente começou a ter grandes mobilizações e eu falo que aqui existe um marco muito grande, que as mulheres teve uma participação muito grande, a participação delas saírem daqui, irem para a feira do índio, se juntar com as mulheres indígenas da feira, ir para a prefeitura com várias caminhadas, a gente não festejava o dia do índio, a gente só tirava em caminhada, protesto, foi indo até que a gente foi ouvida nas nossas solicitações. (ENIR, apud NAKAMURA, 2001, p.68).

As lutas não pararam depois que as famílias foram assentadas, as Terena continuaram se reunindo e buscando melhorias para o bairro. Foi através da organização da associação dos moradores – e tendo como primeiro presidente da associação Calixto Francelino –, que os moradores conseguiram construir casas de tijolos com toda a infra-estrutura necessária (pois, no início moravam em barracos de lona sem água encanada e luz elétrica), uma escola de ensino bilíngüe e um Memorial da Cultura Indígena, um espaço destinado à produção e venda de artesanato e cerâmica.

Sobre os projetos da associação Enir ressaltou: “a gente precisa do apoio para projetos, projetos que venham a ajudar as mulheres. Porque ai eu vejo assim, que o eixo central do objetivo da formação do bairro Marçal de Souza foi as mulheres” (Ibidem., p.69).

Avaliando o histórico da formação do bairro e da constituição da associação dos moradores, é possível ressaltar alguns pontos. As mulheres estão ocupando espaços que antes eram mais exclusivos dos homens, não só no que diz respeito às políticas reivindicatórias dos movimentos indígenas, mas, também, como chefes de família (como já ressaltei), provendo a família com todos os bens necessários à subsistência. Todos esses aspectos, somados ao contato com outros movimentos sociais e partidários, vêm transformando o cenário das relações entre os gêneros, ora de alianças (quando elas convocam os homens para participarem da diretoria de

suas associações ou para auxiliá-las), ora de conflitos (quando os homens se vêem excluídos de seus respectivos espaços de liderança).

As mulheres consideram positivas as mudanças que estão vivenciando, mas destacam a importância das posições ocupadas pelos homens, tanto que na fundação do bairro Marçal de Souza o responsável, o cacique da “aldeia urbana”, foi uma importante liderança, o Terena Calixto Francelino, ao passo que Enir continuou sendo uma das grandes lideranças do bairro e do movimento indígena das mulheres na cidade.

Ser uma Terena associada é ser uma expansionista, é se consubstanciar com os novos elementos do “Outro”, num processo repleto de criações, transformações e conflitos, que vão além da esfera do gênero, pois o mesmo se dissolve no parentesco, no cotidiano das relações, nas tramas da política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As mulheres tem armas que a gente não vê”

(Informante Terena)

Alguns personagens míticos Terena que representam o feminino como *Hihiai-uné*, *Livechechevena* e a própria transformação da *Kipahé* em mulher, ligam a figura da mulher a mistérios, criações e perigos. A mulher personifica, através desses mitos, o surgimento das plantas, das chuvas, da vida, mas, também, representa a morte e o engano por aqueles que se deixam seduzir. Os mitos que envolvem esses personagens retratam um pouco da complexidade que envolve as mulheres, a sua especificidade, a sua diferença, representada nos tabus que envolvem a menstruação ou a criação da vida.

Dentro do espaço do associativismo étnico as mulheres também representam o desconhecido, o novo, uma forma outra de fazer “política”. Sua influência se amplia, cresce, seu Expansionismo a faz questionar, transformar, mexer com as bases dos costumes, das tradições. Mas, também, no espaço da associação, a mulher reforça seus laços com a parentela, com a sua história, com a sua aldeia, com o seu bairro indígena, reforça as alianças com os homens, é lá que ela propõe uma forma de ser e estar na cidade que não signifique um rompimento com a sua origem, afinal, ela sabe como lidar com o trânsito, sabe como participar da rede de fluxos e permanecer Terena, como costumam sempre enfatizar nos seus depoimentos.

Para os homens, essas armas invisíveis são consideradas um problema, um mistério, um campo movediço para as suas ações, como é o terreno desconhecido das novidades, mas, por outro lado, as novidades movimentam, impulsionam a vida social. Diante disso, os ganhos das

mulheres no associativismo dinamizam suas relações, suas festas, melhoram as condições econômicas de suas famílias, proporcionam a formação escolar de seus filhos (hoje requisito almejado por quase todas as famílias Terena).

Enfim, entre mistérios e novidades, entre ganhos, perdas e conquistas, as mulheres Terena criam e recriam novas fontes simbólicas, novos caminhos de se produzir e fazer política, tornando o campo do Associativismo Étnico do Brasil múltiplo, rico em suas possibilidades de diferenças.

Bibliografia

- AZANHA, G. Relatório antropológico para a definição dos limites da Terra Indígena Buriti-Portaria 1155/Pres/FUNAI. Brasília, 2001.
- BOURDIEU, P. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. CHAMBERS, I. Migración, cultura, identidad. Buenos Aires: Amarrortu Editores, 1994. CARVALHO, F. Koixomuneti e outros curadores: xamanismo e práticas de cura entre os Terena. São Paulo, PPGAS/FFLCH/USP (Dissertação de Mestrado), 1996.
- HANNERZ, U. Fluxos, fronteiras e híbridos: palavras-chaves da antropologia transnacional. MANA, abril, vol 3, Rio de Janeiro, 1997.
- LADEIRA, M.E.M. Língua e história: análise sociolinguística em um grupo Terena. São Paulo, FFLCH/USP (Tese de Doutorado), 2001.
- LASMAR, C. De volta ao lago de leite: a experiência da alteridade em São Gabriel da Cachoeira (Alto Rio Negro). Rio de Janeiro. PPGAS/MN/UFRJ (Tese de Doutorado), 2002.
- LEA, V.R. Gênero feminino Mebengokre (Kayapó): desvelando representações desgastadas. Cadernos PAGU (3), Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, Campinas São Paulo, 1994.
- LEVI-STRAUSS, C. História de Lince. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- MEIRA, M. “Finalmente eles entenderam que nós existimos”. In: Povos indígenas no Brasil 1991-1995/ISA – Instituto Socioambiental, 1996.
- NAKAMURA, R.Y.S. A realidade econômica dos índios da aldeia urbana Marçal de Souza em Campo Grande. Campo Grande, UCDB (Monografia de bacharelado), 2001. NOVAES, S. C. Jogos de espelhos: imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: EDUSP, 1993.
- PEREIRA, L.M. Perícia antropológica, histórica e arqueológica da área reivindicada pelos Terena para a ampliação dos limites da Terra Indígena Buriti, Município de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, Brasil. Dourados/MS, 2003. SANT'ANA, G.R. A dinâmica do associativismo Terena no espaço urbano. Marília, PPGCS/FFC/UNESP

(Dissertação de Mestrado), 2004.

SACCHI, A. Mulheres indígenas e participação política: a discussão de gênero nas organizações de mulheres indígenas. *Revista AntHropológicas*, n.7 vol. 14(1 e 2), 95-110, 2003

SCAFFI, N. Rompendo o silêncio: os desafios para a participação das mulheres indígenas no MS – I Encontro Estadual de Mulheres Indígenas do MS, 2003.

SCHMIDT, M. Os Aruaques. Uma contribuição ao estudo do problema da difusão cultural. Ministério da Agricultura, S/D. (Mimeo).

SOUZA, S. B. Cultura e memória entre os índios Terena: conflitos, transformações e preservação. São Paulo, FFLCH/USP (Dissertação de Mestrado), 2002.

TURNER, T. "Representing, resisting, rethinking. Historical transformations of Kayapo culture and anthropological consciousness. In: STOCKING JR., G.W. Colonial Situations: essays on the contextualization of ethnographic knowledge. Madison, Wisconsin: The University the Wisconsin Press.